



CONVERSATÓRIO 3 - Soberania Alimentar, Mulheres e a Comida de Verdade

Lorena Portela Soares – Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Saúde Pública da Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca e Mestre em Saúde Pública, ambos pela FIOCRUZ. Graduada em Engenharia de Recursos Hídricos e Meio Ambiente pela Universidade Federal Fluminense. Técnica em Vigilância em Saúde pela Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, FIOCRUZ. Compõe a equipe da Agenda de Saúde e Agroecologia da Coordenação de Ambiente, vinculada à Vice-presidência de Ambiente, Promoção e Atenção à Saúde da Fiocruz.

Cristiane Coradin - Engenheira Agrônoma pela Universidade Federal do Paraná. Mestre em Extensão Rural pela Universidade Federal de Santa Maria (2014) e Doutora em Meio Ambiente e Desenvolvimento, na Universidade Federal do Paraná (2020). Naturóloga pela Faculdade de Tecnologia Ibrate (2017). Membro da Associação Brasileira de Agroecologia (ABA) e da coordenação colegiada do Grupo de Trabalho (GT) de saúde e agroecologia.

Eu queria também compartilhar um pouco de uma das razões que me traz a estar mediando essa mesa, hoje. No ano passado, eu pude participar da coordenação de uma pesquisa em Saúde e Agroecologia no Brasil. É resultado, esse processo de pesquisa, de uma articulação conjunta entre a ABA (Associação Brasileira de Agroecologia), com a ANA - Articulação Nacional de Agroecologia e a Fiocruz (Fundação Oswaldo Cruz). Então, foi um processo de mapeamento que aconteceu na plataforma do Agroecologia em Rede, que é uma ferramenta virtual, um software livre, que nasce, que surge e tem toda sua trajetória para estar a serviço da construção do movimento agroecológico.

Então esse processo que aconteceu o ano passado de mapeamento das experiências, dos coletivos, dos grupos, das organizações ligadas à temática da Saúde e Agroecologia, passa de um esforço também de localizar e sistematizar uma diversidade de experiências em Agroecologia que já acontece há muitos anos, dentro das unidades da Fiocruz no Brasil e que, até então, não estavam organizadas e sistematizadas. Eu vou compartilhar aqui e agora, durante três minutinhos a cinco, cuidando também do meu tempo, o resultado dessas experiências. Vocês só me confirmam se está aparecendo para vocês, a tela.

E aí muito rapidamente, o que eu escolhi hoje para trazer, como destaque dessas experiências. Foram 165 experiências mapeadas ao longo desses dois meses, partindo de mais de 90 organizações diferentes pelo Brasil. E aí a gente vê de cara, na pergunta dos sujeitos envolvidos nessas experiências de saúde e agroecologia, que na grande maioria delas, em 95 de 101 experiências, a maior participação eram de pessoas do sexo feminino. E, além disso, 18 dessas foram experiências de agroecologia com a participação exclusiva de pessoas do sexo feminino. Também tinha uma pergunta ligada a gênero, uma pergunta auto declaratória. E desses resultados, foi apontado uma maioria de participação de mulheres cis, duas mulheres trans, dois homens trans e uma pessoa não binária. Então, essas questões também estão muito articuladas e a gente segue entendendo como conseguir levar essa diversidade, essa complexidade, para dentro de um processo mapeante, vendo a necessidade de reconhecer o protagonismo das mulheres que tá aí, em números, em gráficos, corroborando com as falas anteriores da mesa. E como não pode deixar de ter uma discussão sobre Interseccionalidade, eu trouxe ao lado, um gráfico que também traz um pouco sobre as questões declaratórias ligadas a cor ou raça e etnia dos sujeitos participantes da construção das experiências, então a gente vê uma quase paridade das pessoas de cor branca e preta, também uma pergunta auto declaratória.

E aí, seguindo já, traz para uma outra pergunta que foi feita, né? Quais são os temas? Quais são os temas que perpassam as experiências? E aí eu peço atenção para esse gráfico, a parte lá de baixo e a gente vê que o tema do alimento, da soberania e segurança alimentar e nutricional que tanto se relaciona com essa nossa conversa, foi o mais ligado as experiências e também os temas ligados à educação e construção do conhecimento agroecológico e as práticas de cuidado em saúde e medicina tradicional. Nos tipos de sujeitos participantes dessas experiências, quando a gente faz uma distinção por categorias de identificação, também aparecem mais as agricultoras e agricultores e educadores, que se relaciona com esse resultado dos temas.

E quando a gente vai para a pergunta ligada às práticas de saúde e agroecologia, a gente também vê um destaque bem grande nas práticas agroalimentares. Se a gente dá um zoom nessas práticas, a gente vê que a maior parte dela está dentro dos quintais socioprodutivos e as atividades ligadas à agricultura, pomar nos quintais das casas. E se sabe que esse grande peso, ele é uma reflexão, um reflexo por acúmulo de pesquisa nas últimas décadas, do trabalho realizado pelas mulheres. Sabe-se que essas práticas dos quintais são protagonizadas pelas mulheres agricultoras, camponesas, também das águas, das florestas, das matas. Isso é parte do trabalho dentro dos núcleos familiares. E também em relação às outras práticas destacadas que é PICs, essa sigla para práticas integrativas e complementares em saúde e também as práticas populares e tradicionais em cuidados de saúde, também tem um zoomzinho de quais são elas. Eu não trouxe aqui para apresentar em gráficos, mas a maioria também tá ligada ao trabalho com plantas medicinais e fitoterapia e a gente também sabe que essas ações de cuidado tem uma estreita relação com as mulheres, por uma questão histórica, cultural e social.

E aí era isso, eu vou interromper agora o meu compartilhamento, antes de passar a palavra, eu queria só trazer um pouco qual é o objetivo de um processo mapeante, como esse que foi feito. A ideia é que qualquer sistematização como essa em saúde e agroecologia, e também o objetivo da própria plataforma agroecologia em rede, é que ela possa ser usada como instrumento para a tessitura de redes, para os encontros entre as experiências territoriais, sejam apenas por temas como os territórios comuns temáticos ou territórios físicos, espaciais comuns. Então é a ideia que seja uma ferramenta para identificação e de articulação entre os próprios grupos, coletivos e organizações que estão construindo agroecologia cotidianamente dentro de seus territórios e das suas realidades.

Então é isso. E aí para dar um pouco mais de elementos e aquecer a conversa, eu chamo por fim, a Cristiane Coradin, que compõe a coordenação colegiada do Grupo de Trabalho de saúde agroecologia da Aba e também compôs a equipe de curadoria desse mapeamento, cujos resultados apresentei rapidamente. Então Cris, você tá por aí? Eu queria passar a palavra para ti, antes da gente seguir, tá contigo querida.

Agradeço, uma boa tarde a todas. Muito rapidamente, também colocar uns elementos assim, a gente vem num processo desde 2017, onde a gente começou a construção do GT de saúde da ABA, num esforço de buscar, por um lado, conectar experiências, sujeitos e por outro compreender essas interfaces entre agroecologia e saúde. Nesse processo, ao longo desses anos, a gente teve na organização do CBA, a gente conseguiu organizar um grupo de trabalho, onde a gente teve apresentação de trabalhos, mesas coletivas e desde o ano passado, a gente vem num processo de sistematização de dados, de produção de pesquisa, a partir dos materiais que a gente teve no CBA. A gente também organizou um seminário, que a Cecília participou com a gente, no congresso da SOCLA, para a gente tecer as conexões entre saúde e agroecologia que foi bastante rico, e a gente participou ativamente, o ano passado, de todo o processo do mapeamento das experiências em saúde e agroecologia no Brasil e também na América Latina.

Então foi uma experiência muito rica, todas essas experiências tem sido muito ricas e importantes para a gente começar a abrir, começar a compreender, que interfaces são essas, que conexões são essas entre saúde e agroecologia. As falas de todas vocês, inclusive acho que respaldando também, com o relatório que a Lorena acabou de apresentar, coloca para a gente o peso e a centralidade que os agenciamentos coletivos das mulheres vêm tendo, por um lado tanto na construção de experiências agroecológicas a partir de quintais produtivos, da sociobiodiversidade, de promoção de segurança alimentar e nutricional, de manutenção de patrimônios alimentares e por outro lado, também, a conexão disso com práticas de cuidado, de cuidado em saúde, que também são patrimônios, a biodiversidade, biodiversidade medicinal, floral, que a gente tem no Brasil, elas estão patrimônios e são patrimônios de conhecimento de mulheres, muitos deles. As benzedadeiras, as parteiras, raizeiras de todas as regiões que a gente tem

no nosso país. Muitas delas militantes de movimentos sociais, populares, cuidadoras comunitárias.

E foi isso que esse mapeamento trouxe para a gente. E que essas experiências que a gente vem fazendo também enquanto GT, os espaços, os debates que a gente vem realizando, também tem mostrado para gente. Então acho que é importante a gente enfatizar por um lado, eu acho que visibilizar, valorizar e reconhecer o papel das mulheres dentro desse agenciamento, dessas conexões entre saúde e agroecologia, e por outro também, colocar a reflexão de que se isso acontece, se dá por uma relação cultural sócio-histórica de maior relação das mulheres, tanto com práticas de cuidado com o corpo nosso, quanto com a terra.

Mas que isso, embora seja importante e deva ser reconhecido, também é uma necessidade da gente problematizar desde uma perspectiva feminista, como que a gente pode, também, estar incluindo os homens, não numa perspectiva binária, dentro dessas construções. O cuidado, ele não é papel e nem tarefa só das mulheres, embora a gente esteja na linha de frente. Mas ele é para ser construído de forma colaborativa, com homens, mulheres, com toda a diversidade que a gente tem de sujeitos. Então a questão da democratização do cuidado, e eu tenho buscado me debruçar um pouco sobre esse tema, é uma das questões que ainda está para gente trabalhar, para a gente discutir, dentro de todas essas interfaces e possibilidades da gente trabalhar agroecologia e saúde.

E por outro lado, também uma última questão que eu queria colocar, até para gente ir para o debate, é que a gente tá vendo uma abertura maior dos sujeitos que trabalham agroecologia, puxado pelas mulheres, centralmente, em trabalhar essas interfaces. Mas como que a gente pode envolver, engajar mais e como que redes feministas podem auxiliar mais a gente se engajar melhor com as pessoas que são do campo da Saúde: médicas, enfermeiras, assistentes sociais, unidade de saúde, Secretarias Estaduais de Saúde. Então para que a gente tenha um envolvimento maior também desse campo que é um campo duro. A gente sabe que no campo, a Agronomia é um campo difícil de entrar, mas na Saúde a gente também tem um bloqueio muito grande, principalmente de médicos, médico homem, branco, para aceitar a medicina da terra, para aceitar que agroecologia promove saúde. Então como é que a gente pode trabalhar melhor essas conexões, como é que essas redes que a gente tá impulsionando podem auxiliar também nesses processos. Um pouco para a gente problematizar aí, para o debate

E também agradecer pela abertura, a possibilidade da gente também estar aqui, nesse momento.